

CRIATURA, SERVO, OU FILHO DE DEUS

Cleber da Cruz Cunha¹

INTRODUÇÃO

Jesus Cristo, ao discutir com o fariseu Nicodemos sobre o reino de Deus (João 3:1-15), afirmou que *quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino*; afirmou, ainda, que *o que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito*; declarando, ao fim, que *importa-vos nascer de novo*.

As afirmações de Cristo apontam para a existência de duas ordens espirituais no que tange ao ser humano: A daqueles que são nascidos do Espírito, que pressupõe uma nova aproximação de Deus, que suplanta a ordem natural; e a dos que não experimentaram o novo nascimento e que não fazem parte da primeira ordem.

Ocorre que, no meio cristão, observa-se a utilização de três termos com os quais os professantes da fé em Jesus se identificam com Deus: “Criatura”, “servo” e “filho de Deus”; termos que muitas vezes são utilizados como sinônimos, vinculados a uma aproximação de Deus, seja com reflexo em ordem meramente espiritual, seja em aplicações práticas da fé cristã.

A questão que se levanta é: Haveria uma correlação dos termos citados com as ordens espirituais apontadas por Cristo? Qual seria a significação precisa dos referidos termos a partir da doutrina ensinada por Cristo? Seriam os referidos termos sinônimos, ou teriam significados e aplicações distintos? Estariam os cristãos utilizando de forma biblicamente correta os citados vocábulos? Haveria coexistência dos termos, frente à condição espiritual do ser humano em relação a Deus?

O presente artigo visa, assim, analisar os termos Criatura, Servo, e Filho de Deus, com o fim de se chegar a conceitos precisos dos referidos vocábulos quanto às suas aplicações e a obra salvadora de Cristo.

O desenvolvimento do trabalho se baseará em estudo dos vocábulos citados, quanto a sua origem, desenvolvimento e aplicações contextuais, o que se passará, necessariamente, por uma revisão de filólogos e dicionaristas que estudaram os referidos vocábulos. Outrossim, estudar-se-á comentaristas bíblicos, quando os mesmos analisam a utilização das citadas palavras; far-se-á, ainda, uma análise sistemática da teologia que envolve os termos.

¹ Advogado. Pós-graduado em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro.

Ao fim, almeja-se apontar significados bíblicamente coerentes com a doutrina apontada por Jesus Cristo em João 3, com o objetivo de colaborar com o desenvolvimento prático da teologia cristã no que tange aos vocábulos utilizados pelos professantes da fé em Jesus.

CRIATURA LIVRE

Os cristãos² afirmam que todos os seres existentes no universo foram criados por Deus. A fundamentação de sua tese é a crença no relato descrito na Bíblia, livro de sua fé e prática, escrita e selada através de um processo espiritual dirigido pelo Espírito Santo, em que homens escolhidos, sob a inspiração divina, no próprio decorrer da história da humanidade, foram *pari passu* reduzindo a escrita as palavras de Deus, até se chegar ao compêndio que hoje se conhece³.

Uma leitura linear da Bíblia aponta Deus como causa de todas as coisas; a origem da força geratriz capaz de criar e estruturar todos os seres existentes, desde os mais simples e inanimados, até as mais complexas formas de vida, em cujo ápice está o ser humano⁴; isso fica claro logo nas primeiras palavras da referida fonte de crença, na qual se lê que: *No princípio, criou Deus os Céus e a terra.* (Gênesis. 1:1 – Grifo nosso).

Há de se observar que o versículo citado descreve apenas parte do *iter* criatório, pois o objetivo-fim de Deus era a criação do ser humano; plano anterior, maior, e mais complexo, só perceptível a partir de uma leitura sistemática dos principais textos bíblicos que falam desse período primevo da história do universo e da humanidade, senão vejamos.

O Salmo 90:2, parte “b”, afirma que *de eternidade a eternidade tu és Deus*. Esse Deus eterno, em um *determinado momento*⁵ da eternidade, por um motivo afeto a Ele, resolve criar o ser humano; fato registrado em Gênesis 1:26, no qual se lê: *Disse Deus, façamos o homem a nossa imagem e a nossa semelhança.* (Grifo nosso).

Earl D. Radmacher⁶, ao analisar a expressão “*no princípio*” - Gênesis 1:1, à luz do Evangelho do Apóstolo João - João 1:1, afirma que: *No princípio remonta a um tempo [eterno] que antecede a criação.*

Vê-se que o verbo “fazer”, acima grifado, foi declinado na primeira pessoa do plural, fato que gerou discussão teológica com pelo menos duas grandes vertentes: A primeira afirma que no caso há um “plural majestático”, cujo fim é ressaltar a grandiosidade do agente, a

² Lagston, A.B. Esboço de teologia sistemática. 11 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994 – pág. 40-41; Grudem, Wayne A. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999. Pág. 198-207.

³ Confrontar II Tim. 3:16-17 com Apoc. 22:18-19.

⁴ Não se falará aqui dos seres angelicais por fugirem do objetivo deste trabalho.

⁵ Antropomorfismo ligado a nossa limitação temporal.

⁶ O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais – A Palavra de Deus ao alcance de todos. Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House. Editora Central Gospel. Rio de Janeiro: 2010 – Pág. 7.

onipotência de Deus; a segunda linha doutrinária, pela estrutura utilizada, entende que há mais de um ser participando desse momento.

A segunda tese também divide os estudiosos, não quanto ao número, mas, sim, quanto a quem participava desse momento, pois uma parte dos teólogos afirma que nesse contexto estavam Deus e seres angelicais; outros, no entanto, entendem que se trata de uma reunião na qual se encontram Deus-Pai, Deus-Filho e Deus-Espírito Santo, ou seja, a Trindade.

Embora o termo “trindade” não esteja presente no texto bíblico, por ser doutrina teológica desenvolvida nos primeiros séculos da era cristã, a doutrina da triunidade é historicamente aceita como reflexo da verdade estampada na Bíblia como a realidade do Deus dos Cristãos⁷.

O Dr. Donald D. Turner⁸, ao analisar a origem do homem, segundo a Bíblia, afirma, entre outras coisas que:

Antes das Escrituras relatarem a história da criação do homem, lemos que o Deus Trino teve uma conferência sobre tão importante passo que ia ser dado na criação (...) as três Pessoas da Divindade estavam de acordo em favor da criação do homem. O tema daquele ‘conselho de Deus’ foi a criação do homem. As decisões unânimes foram duas: 1. Que o homem fosse criado à imagem e semelhança de Deus; 2. Que se tornasse senhor da criação material.

A atuação da trindade no *iter* criatório é registrada pelo apóstolo João que, no capítulo primeiro do seu evangelho, no que tange às pessoas de Deus-Pai e Deus-Filho, escreveu:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (...) Ele estava no princípio com Deus (...) Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez (João 1: 1-3).

O livro de Gênesis registra que o *Espírito de Deus pairava sobre às águas* (Gênesis 1:2); demonstrando-se que Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, em conjunto, atuaram em todo o ato criatório.

Assim, levando a frente seu plano, Deus inicia seu *iter* criatório, em um período que a Bíblia registrou sobre o tema “No Princípio”, no qual, inicialmente, a partir do nada, Deus estabelece a terra e os céus, estruturando a base física que receberia a sua maior criação, ou seja, o ser humano, objetivo fim de seu plano, para o qual todo o universo estava sendo estruturado.

Importante observar que, em confronto com as teorias que sustentam a eternidade da matéria, a Bíblia relata que a criação se deu a partir do nada, *ex nihilo*, conforme descrito em Hebreus 11:3, senão vejamos:

Pela fé, entendemos que foi o universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem.

⁷ Bray, Gerald Lewis. A doutrina de Deus. Ed. Cultura Cristã: São Paulo, 2007 -Pág. 127.

⁸ Turner, Donald D. A doutrina dos anjos e do homem. IBR, São Paulo, 1990 – Pág. 138 e 139.

Wayne Grudem⁹, em seu estudo de Teologia Sistemática, afirma que:

A Bíblia claramente demanda que acreditemos que Deus criou o universo do nada. (Às vezes se usa a expressão latina ‘exnihilo’, ‘do nada’; diz-se então que a Bíblia prega a criação ‘exnihilo’). Isso significa que antes de Deus principiar a criação do universo, nada existia além do próprio Deus.

Há de se ver que somente um ser efetivamente inteligente, potente, maior, anterior e independente, seria capaz de, do nada, criar todo o universo que hoje conhecemos; ser que é identificado na Bíblia, em Gênesis 1:1, ou seja: Deus.

Isso é reforçado pela utilização do verbo ברא (criar)¹⁰ que descreve uma ação somente capaz de ser realizada por um ser efetivamente onipotente que, na crença cristã, não poderia ser outro senão o próprio Deus.

Derek Kidner¹¹, ao analisar a estrutura desse verbo, afirma que:

Pode-se determinar melhor o sentido de criou (bara; cf. 21,27; 2:3,4) com base no Velho Testamento como um todo (incluindo-se este capítulo), onde se vê que seu sujeito é invariavelmente Deus, o seu produto pode consistir de coisas (Ex., Is 40:46) ou situações (Is 45: 7,8, RSV, AA)

Assim, após a criação *exnihilo* da matéria necessária para compor o universo, e após estabelecer os “céus” e a “terra”, incluindo toda a estruturação do universo cósmico, Deus escolhe um planeta específico para aformosá-lo, a fim de que o mesmo recebesse o Homem.

Para isso, separou as águas, estabeleceu seu ciclo – águas de cima, águas de baixo; determinou o nascimento e crescimento da ordem vegetal, da ordem animal – exceto o Homem; e, por fim, plantou um lugar todo especial, *locus* conhecido como Jardim do Éden, ambiente cercado de tudo que era necessário para o início da vida do homem no planeta Terra¹².

Com a criação de todo suporte necessário para a existência do ser humano, e, verificando que tudo *era bom* (Gênesis 1:25), Deus, em atuação efetivamente específica, através de um processo todo especial, com suas próprias mãos, a partir do pó da terra, forma o corpo do ser humano; e, após isso, sopra no citado corpo o fôlego da vida, vindo o Homem se tornar alma vivente.

Não podemos olvidar que a atuação diferenciada de Deus, no que tange à criação do Homem, não se restringiu ao fazimento do seu corpo, como descrito acima, pois registrou-se que Deus, ao criá-lo, disse: *façamos o homem à nossa imagem e conforme a nossa semelhança* (Gênesis. 1:26).

⁹Grudem, Wayne A. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999. Pág. 198.

¹⁰Dicionário hebraico – português & aramaico - português. Elaborado por Nelson Kirstet al. 8ª ed. Vozes: Petrópolis, RJ. 1997 – Pág. 32.

¹¹Kidner, Derek. Gênesis- introdução e comentário. Mundo Cristão: São Paulo, 1991 – Pág. 41.

¹²Vide Gênesis 1 e 2.

Há discussão teológica quanto ao real significado e interligação dos termos imagem e semelhança. Parte dos doutrinadores afirma que esses termos seriam sinônimos, utilizados nesse contexto para mutuamente se reforçarem¹³.

Outros doutrinadores, no entanto, afirmam que são palavras com significados e aplicações distintos: *Imagem* seria trazer as características de Deus enquanto pessoa, tendo sido infundido no ser humano, portanto, capacidade de sentir, raciocinar, comunicar-se, etc; *semelhança*, por sua vez, seria trazer sobre si a característica de ser santo, isto é, ser imaculado, puro, perfeito, efetivamente envolto na glória de Deus, onde a vida era plena e ilimitada¹⁴.

A parte da discussão filológica apontada, vemos que o Homem é um ser que trás em si marcas de Deus (Eclesiastes 3:11; Romanos 1:19); elementos que efetivamente o aproximam do seu criador, tanto na ordem psicológica, quanto na ordem espiritual, o que distingue o ser humano de tal forma que o mesmo chegou a ser chamado, estilisticamente, de “Coroa da Criação”.

Wayne Grudem afirma, ao tratar do homem à imagem de Deus, que:

O fato de ser o homem à imagem de Deus significa que o homem é como Deus nos seguintes aspectos: capacidade intelectual, pureza moral, natureza espiritual, domínio sobre a terra, criatividade, capacidade de tomar decisões éticas e imortalidade¹⁵

Após o processo criatório citado, Deus, ao verificar o todo estabelecido, inclusive o ponto culminante, ou seja, a criação do homem, afirmou: *Eis que tudo é muito bom* (Gênesis 1:31 – Grifo nosso). A inclusão do advérbio de intensidade ressaltou que o objetivo maior de Deus foi alcançado de forma plena; e todo o conjunto מְאֹד טוֹב (era extremamente bom).¹⁶

O Homem, assim, no início de sua existência, goza de um *status* físico-psíquico-espiritual todo especial, que o aproxima de forma irrestrita a Deus, por ser uma criatura imaculada, santa, livre, com características específicas de pessoa, o que o coloca no ápice da criação, sendo-lhe concedido, inclusive, em virtude disso e por outorga de Deus, o domínio sobre todos os demais seres criados.

Luiz Carlos Susin¹⁷, ao falar sobre o ser humano como *imagem do mundo e imagem de Deus*, entre outras coisas, afirmou que:

Sob o signo de Adão, o ser humano é, em primeiro lugar, uma criatura de Deus em conjunto com as demais criaturas, participando da mesma existência criatural. Mas, pelo sopro de Deus, é ‘elevada’ a ser imagem de Deus. Então, torna-se uma ‘criatura

¹³Kidner, Derek. Gênesis- introdução e comentário. Mundo Cristão: São Paulo, 1991 – Pág. 48.

¹⁴Turner, Donald D. A doutrina dos anjos e do homem. IBR, São Paulo, 1990 – Pág. 202.

¹⁵Grudem, Wayne A. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999 - Pág.365.

¹⁶ Dicionário hebraico – português & aramaico - português. Elaborado por Nelson Kirstet al. 8ª ed. Vozes: Petrópolis, RJ. 1997 - Págs. 55, 82, 113.

¹⁷Susin, Luiz Carlos. A criação de Deus: Deus e criação. 2. Ed. – São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2010 – (Coleção Livros básicos de teologia; 5) – Pág. 101 e 102.

aberta ao Espírito e, mais ainda, ‘criatura habitada pelo Espírito (...) essa condição específica, que caracteriza o ser humano, não o retira do seio das demais criaturas, mas lhe permite ser o representante de toda a criação em face de Deus, a sensibilidade da terra tocada pelos céus e em face dos céus.

Na existência primeva da humanidade, poderíamos afirmar, então, que o Homem era uma “*criatura livre*”, no sentido de que eraser criado, porém, perfeitamente imagem e semelhança de Deus, imaculado, santo, imerso de forma irrestrita na glória de Deus, onde se manifesta a expressão máxima da vida.

Ao contemplar a criação, a partir de Gênesis 1, o Rei Davi, no Salmo 8, explana em forma de verso a glória divina e a dignidade do homem, reflexão na qual o salmista exalta a majestade de Deus, louvando-o pela criação do homem e da mulher, que, coroados de glória, honra e poder, foram colocados no topo da criação, refletindo a própria grandeza de Deus¹⁸.

Essa seria a condição existencial plena em que Deus teria criado o homem, situação que deveria ter permanecido para a eternidade. Mas, o desenvolver da história da humanidade, pelo viés bíblico, mostra-nos que não foi isso que aconteceu, como veremos abaixo.

DE CRIATURA LIVRE A DEUS ESCRAVO

O caminhar da história da humanidade nos mostra que, em determinada época, ainda nos seus primórdios, um fato marcou de forma efetiva a ordem universal estabelecida, principalmente no que tange à condição espiritual do Homem frente a Deus, qual seja: O pecado.

Pecar, na concepção desenvolvida pelo Apóstolo João, ao escrever sua primeira epístola, é transgredir a lei, pois *Todo aquele que pratica o pecado também transgreda a lei, porque o pecado é transgressão da lei* (I João 3:4).

Ora, se dentro da concepção bíblica, a lei de Moisés ainda não tinha sido estabelecida, que lei poderia ter o Homem infringido ao pecar? Qual seria a norma existente que teria transgredido o Homem para merecer essas consequências que lhe advieram?

A resposta para esses questionamentos passa, necessariamente, por uma análise do que teria ocorrido, na eternidade, quando Deus, na “eterna conferência”, resolve criar o ser humano.

Deveser observado que toda vez que um plano é estabelecido, neste caso, o de criar o Homem, implicitamente com o mesmo, estabelece-se uma “lei” que vincula as partes envolvidas nesse fato, criando um liame que interliga todos os entes envolvidos que passam a

¹⁸ O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais – A Palavra de Deus ao alcance de todos. Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House. Editora Central Gospel. Rio de Janeiro: 2010 – Pág. 831-832.

ter responsabilidades recíprocas e obrigatórias frente ao avançado, o que, neste caso específico, vem a ser conhecido como “Lei Moral de Deus”.

Wayne Grudem afirma *que pecado é deixar de se conformar à lei moral de Deus, seja em ato, seja em atitude, seja em natureza. O pecado é aqui definido em relação a Deus e sua lei mora.*¹⁹

O reflexo dessa lei moral de Deus, que vinculava o Homem, foi expresso em alguns versículos de Gênesis 1 e 2, senão vejamos:

Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja sobre a terra. E disse Deus ainda: Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento (Gênesis 1: 28-29).

E o Senhor Deus lhe deu esta ordem: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás (Gênesis 2:16-17).

a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe (Gênesis 2:22).

Derek Kidner²⁰ afirma que:

O fruto, não por sua prerrogativa, mas como incumbido de uma função e levando consigo uma ordem oriunda de Deus, confronta o homem com a vontade de Deus, vontade particular e explícita, e dá ao homem uma decisiva Sim ou Não, para dizê-lo com todo o seu ser.

A descrição do ocorrido, conforme o registro de Gênesis 3, mostra-nos que a Serpente²¹, após todo um processo de convencimento, induz Eva a comer do fruto proibido, e a levar Adão também a comê-lo.

A questão a se pontuar é o que teria sido infundido, pela serpente, em Adão e Eva para que os mesmos, desviando-se dos desígnios de Deus, pecassem? Ou, o que teria levado o primeiro casal, criaturas livres, na aceção mais ampla que essa condição pode assumir, pois não eram maculadas pelo afastamento de Deus, a quedar-se ao oferecido por Satanás?

A resposta é: Ser igual a Deus. O grande troco que teria o primeiro casal, quanto ao comer o fruto, é gozar do mesmo conhecimento, e, em última instância, do mesmo *status* de Deus, dizia a serpente em sua argumentação.

Em Gênesis 3:4-5, registrou-se essa intenção, senão vejamos:

Então a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comeres se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal.

¹⁹Grudem, Wayne A. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999 - Pág. 403.

²⁰Kidner, Derek. Gênesis- introdução e comentário. Mundo Cristão: São Paulo, 1991 – Pág. 59.

²¹Esse ser enigmático que aparece no registro bíblico pela primeira vez nesse texto, é posteriormente, identificado como o próprio Diabo, Satanás.

O Apóstolo Paulo, em Romanos 5:12 – 21, identifica Cristo como o segundo Adão; sendo Jesus plenamente homem, estava sujeito a sofrer o mesmo nível tentação ocorrida no Éden, o que parece ter acontecido na tentação no deserto.

Há de se observar que Cristo era sem pecado, identificando-se, assim, com a natureza físico-espiritual *-criatura livre-* do primeiro Homem (Adão) antes da queda; e mesmo sofrendo a tentação de ser igual a Deus, venceu a isso, submetendo-se, como criatura perfeitamente livre, a Lei Moral Deus, que não se alterou durante o decorrer da história da humanidade.

Paulo ensina isso, ao enviar epístola aos crentes da igreja de Filipos, senão vejamos:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou por usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. (Filipenses. 2:5-9).

A.B. Langston afirma que:

O pecado de Adão teve sua origem no egoísmo: ele quis ser igual a Deus e para isso comeu, aconselhado por Satanás, do fruto proibido. Desde então o gênero humano tem sido vítima do egoísmo.²²

O relato bíblico registrou que ao revés de se tornar igual a Deus, o Homem, ao pecar, perde a condição de santo, imaculado, fere a “lei” de Deus, ficando, com isso, destituído da glória desse, tendo como consequência a morte espiritual e física, cuja inclinação tornou-se algo natural na vida do ser humano.

Paulo ao ensinar sobre esse fato afirma que *por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram* (Romanos 5:12); e, em virtude disso, *todos destituídos estão da Glória de Deus* (Romanos 6:23); afirmando, por fim, que *o salário do pecado é a morte* (Romanos 6:23)

Com isso o Homem deparasse com uma nova condição física-espiritual, qual seja: A de pecador; pois destituído da glória de Deus, deixa de gozar da vida plena, e inclina-se a uma caminhar que o conduza um afastamento efetivo de Deus, cujo fim natural era a morte física e espiritual.

A morte física é a separação do homem do seu corpo, como consequência punitiva ou penal imposta ao ser humano pelo seu pecar. A morte espiritual seria uma consequência mais ampla do que a morte física, que incluiria, além daquela: A perda da semelhança moral que o homem tinha com Deus; Corrupção dos poderes do homem; e exclusão da presença de Deus²³. Assim, a morte significaria toda uma separação de Deus, física e espiritual, temporal e eterna.²⁴

²²Langston, A.B. Esboço de teologia sistemática. 11 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994 - Pág. 152.

²³Langston, A.B. Esboço de teologia sistemática. 11 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994 - Pág. 157-158.

²⁴Turner, Donald D. A doutrina do pecado e da salvação – Curso A-VII. IBR: São Paulo, 1985 -Págs. 84-85.

O Doutor David A. Turner, ao tratar sobre a Doutrina do Homem e Sua Queda, entre outras coisas, afirmou que a queda do Homem *Afetou sua natureza. Havia caído de sua condição de inocência, justiça e santidade*²⁵

A consequência natural do pecador é ser escravo; e a escravidão, nesse sentido, é sinônimo de destinado a morte, pois o homem deixou de gozar da vida plena que tinha antes de pecar.

Essa passa a ser a nova condição espiritual do ser humano, qual seja: “*deus*” de si mesmo; porém, não um deus poderoso, detentor de todo conhecimento, *igual a Deus*; mas, sim, um “*deus escravo do pecado*”, que tem como consequência natural de sua nova condição a morte.

O Apóstolo João, ao descrever em seu Evangelho Jesus defendendo sua missão e autoridade, registrou as seguintes palavras de Cristo:

Disse, pois, Jesus aos Judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes em minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Respondeu-lhe: Somos descendência de Abraão e jamais fomos escravos de alguém; como dizes tu: Sereis livres? Replicou-lhes Jesus: Em verdade, e, verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado. (João 8:31-34).

Myer Pearlman, ao analisar o texto citado, entre outras coisas, afirma que *Atos pecaminosos revelam que quem os comete está sob o jugo do pecado. Cada pecado fabrica mais um grilhão para a alma; os pecadores são escravos*²⁶

As consequências do pecar se deram em ambos os aspectos que balizaram a criação do homem, pois quanto à semelhança, como já visto acima, o homem ficou destituído da Glória de Deus, tornando-se maculado, impuro, pecador; e, no que tange à imagem, a mesma degradou-se naturalmente, e as características primevas veem se corrompendo cada vez mais com o passar dos anos.

O Apóstolo Paulo, em 2ª Timóteo 3: 1-5, registra esse progressivo envilecimento do ser humano, senão vejamos:

Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de piedade, negando-lhe, entretanto, o poder.

Assim, aquele que tinha como natureza espiritual de “*criatura livre*”, passa, com o pecado, a ter a condição espiritual de “*deus escravo*”, *status* que o Homem, de per si, é incapaz de alterar.

²⁵Turner, Donald D. A doutrina dos anjos e do homem. IBR, São Paulo, 1990 -Pág. 294.

²⁶Pearlman, Myer. João, o Evangelho do Filho de Deus. 1ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 1995 -Pág 103.

A INTERVENÇÃO DE DEUS

Após perceber o que tinha ocorrido, ou seja, ter pecado e não ter se tornado igual a Deus, o ser humano sentiu o peso do ato que tinha cometido, e conheceu as suas consequências imediatas, entre as quais estaria o medo, sentimento até então desconhecido para ele.

O Homem, então, tentou, de per si, restaurar o *status quo ante*, através de um processo natural por ele mesmo estabelecido, o que se mostrou efetivamente ineficaz, pois era algo impossível a ele (Gênesis 3:7; 3: 22-24).

Isso ficou registrado em Gênesis 3:7-10, em que se lê que:

Abriram-se, então os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas par si (...) esconderam-se da presença do Senhor Deus (...) E chamou o Senhor ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque, estava nu, tive medo, e me escondi.

Ter medo e continuar nu mostraram que a ação de Adão visando restaurar sua condição primeva não funcionara, pois, simplesmente isso lhe era impossível. Jesus, ao explicar aos seus discípulos a conversa que teve com um jovem rico, explicou essa impossibilidade aos seus ouvintes, afirmando que:

Em verdade vos digo que um rico dificilmente estrará no reino dos céus. E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar em rico no Reino dos Deus. Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. (Mateus. 19:23 – 26).

Essa impossibilidade confirmou-se com os episódios ocorridos após a intervenção de Deus, quais sejam: a expulsão do Jardim, *locus* que continha a árvore da vida; e a colocação de querubins a guardar o Jardim, o que impunha um afastamento contínuo da referida árvore.

A despeito de todo o atuar do Homem, Deus intervém na história da humanidade, dá início a operacionalização de um plano de reestruturação da humanidade, o que comumente é chamado de Plano da Salvação, boas-novas, evangelho.

Há de se ver que, embora a intervenção tenha se dado depois da queda do Homem, essa reestruturação foi estabelecida antes da fundação do mundo, e, provavelmente, na mesma ocasião do plano de criação, ou seja, na citada “Conferência Eterna”, o que parece ter descrito o Apóstolo Paulo, ao escrever à Igreja de Éfeso, senão vejamos:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de benção espiritual nas religiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo. (Efésios 1: 3-4).

Assim, a intervenção dá-se logo após a queda, quando Deus, “passeando” pelo Jardim do Éden, chama a Adão e lhe pergunta o que tinha acontecido; e esse disse que estava se

escondendo, pois sentiu medo, e isso tinha se dado porque a mulher lhe tinha oferecido do fruto proibido e ele tinha comido.

Importante observar que atuação de Deus não se limitou a impor responsabilidades e consequências decorrentes do pecado; mas, também, marcou o início do plano de restauração que já estava preparado pelo próprio Deus, desde a eternidade, como visto acima.

Isso fica claro quando Deus afirma, em Gênesis 3:15, que *este lhe ferirá o calcanhar e ele pisará na cabeça*, referindo-se a um fato futuro, que se cumpriria plenamente em épocas posteriores, em momento certo, conhecido e estabelecido por Deus, ao qual o Apóstolo Paulo denominou de “A Plenitude do Tempo” (Gálatas 4:4), quando a ordem espiritual seria restabelecida, e a serpente receberia, de uma vez por todas, a penalidade prometida.

Derek Kidner²⁷ afirma, entre outras coisas, ao analisar Gênesis 3:15, que *O Novo Testamento dá boa autorização para ver-se aqui o ‘protoevangelium’, o primeiro vislumbre do evangelho.*

Um fato a ser observado é que, conquanto Deus tenha estabelecido um plano e indicado alguns aspectos vinculados à forma necessária para o restabelecimento da condição primeva do ser humano, Ele, Deus, não disse qual deveria ser a atitude, o comportamento, ou mesmo se algum tipo de rito deveria ser seguido pelo Homem frente a esse novo conceito. A grande questão então é (seria): Que atitude deveria tomar o Homem frente ao atuar de Deus?

Não se identifica resposta imediata para esse questionamento, ou seja, qual o comportamento que o Homem deveria ter frente à atuação de Deus; mas, com o decorrer da História da Humanidade, na perspectiva bíblica, podemos descobrir um comportamento do Homem que pode estar vinculado a sua atitude frente ao plano de Deus, como se verá no próximo item.

OS SERVOS DE DEUS

A história bíblica mostra que Deus, para levar seu plano de reestruturação à frente, utilizou-se de indivíduos, famílias, clãs e povos, cujo principal foi o povo de Israel. Ao analisar o desenvolver desses acontecimentos, vê-se que uma figura comum aparece em vários momentos do relato bíblico, principalmente, no desenrolar da história do povo hebreu, qual seja: *O servo de Deus.*

O servo de Deus é um indivíduo que se alto intitula “escravo do Senhor”, ou seja, um sujeito que não tem vida, nem patrimônio, nem mesmo vontade próprios, mas, voluntariamente, vive em função do seu senhor, seu *dominus*; coloca-se a inteira disposição do seu senhor, apresentando-se apto a cumprir o que lhe for determinado.

²⁷Kidner, Derek. Gênesis- introdução e comentário. Mundo Cristão: São Paulo, 1991 – Pág. 66.

O. Michel²⁸, ao analisar o termo $\pi\alpha\iota\varsigma \theta\epsilon\omicron\upsilon$ (Servo de Deus), afirma que no Oriente Médio, desde os tempos do Rei Saul, e, portanto, com a instauração da monarquia em Israel, os soldados que prestavam serviço ao rei se referiam e eram apontados pelos outros como הַמְלִיךָ עֶבֶדִי (Servos do Rei). Desse uso palaciano, o emprego do termo migrou para o uso popular, diário de עֶבֶד (Servo), bem como provavelmente influenciou o seu uso religioso.

No que tange ao uso religioso do termo עֶבֶד (Servo), O. Michel afirma, entre outras coisas, que²⁹:

o adorador de Deus no AT se chama 'eḇed, 'servo', dEle. Desta forma, dá expressão à sua reverência, e ao seu dever de servir ao seu Deus, e até ao fato do adorador pertencer a Deus, com vistas a colocar-se sob Sua direção (...) Desta forma, o título 'servo' se emprega de Jacó (Gn 32:10[11], Isaque (Gn 24:14), Moisés (Nm 12:7-8); Josué (Js 24:29), os patriarcas (Dt 9:27; Êx 32:13); Davi (II Sm3:18); os profetas (II Rs 9:7) e o restante fiel a Javé (II RS 9:7; 10:23).

John Stott³⁰, ao analisar o texto de Romanos 6:23, ensina sobre dois grupos de escravos: os capturados de guerra ou comprados em mercado; e os que se ofereciam para servir como escravos, senão vejamos:

Este conceito pode surpreender-nos porque nossa tendência é pensar nos escravos romanos como quem foi capturado na guerra ou então exposto no mercado de escravos, e não como alguém que se ofereceu para servir. No entanto, havia uma modalidade de escravidão que era voluntária. 'Pessoas em extrema pobreza podiam oferecer-se como escravos a alguém simplesmente em troca de casa e comida'. O que Paulo quer dizer é que aqueles que assim se ofereciam eram invariavelmente aceitos.

No Velho Testamento, aquele que se posiciona como servo de Deus é identificado, entre outras coisas, pelo seu linguajar. Esses indivíduos, em regra geral, ao ser chamado pelo seu senhor, no caso Deus, responde-lhe: הִנְנִי (Eis-me aqui).

Um fato importante é que essa categorização, ou seja, servo do senhor, não foi estabelecida por Deus em seu plano de reestruturação do ser humano; não identificamos, na Bíblia, uma determinação de Deus no sentido de que os homens se coloquem como servos dele; mas se percebe que aqueles que assim se colocaram, de alguma forma, aderiram à promessa feita por Deus no protoevangelho registrado em Gênesis3:15, ou seja, acreditavam em uma intervenção de Deus na história do ser humano, e a isso se submetiam.

Assim sendo, o questionamento seria: De onde adveio está posição frente a Deus? Onde encontraríamos respaldo para que os homens se colocassem na posição de servos ou escravos de Deus? Isso teria partido de Deus? teria havido aval de Deus?

²⁸Michel, O. $\pi\alpha\iota\varsigma \theta\epsilon\omicron\upsilon$. In: Brown, Colin. (ed.) Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. (2 volumes) V. II. São Paulo: Vida Nova, 2000 -Pág. 2351-2356.

²⁹Michel, O. In: Brown, Colin. (ed.) Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. (2 volumes) V. II. São Paulo: Vida Nova, 2000 – Pág. 2351-2352.

³⁰Stott, John R. W. A mensagem de Romanos. São Paulo: ABU editora, 2007 - Pág. 218.

A busca por possíveis respostas impõe necessariamente uma análise da história bíblica, em um movimento regressivo, ou seja, da parte mais próxima da nossa época, em que claramente se identifica a figura de servo, até ao período inicial do relato do referido livro.

O relato bíblico, no Velho Testamento, identifica-se ordinariamente com a história do povo hebreu, mostrando sua evolução desde a antiguidade com o registro da vida de indivíduos como Abraão, Isaque, Jacó e José; passando por famílias e clãs, até que, com o crescimento atingido durante a escravidão egípcia, alça-se a um povo, que Deus, através da liderança de Moisés, estabelece como nação, a Nação de Israel.

Já no período em que Israel, como povo, instalou-se na Terra Prometida, sua história passou por vários períodos, entre os quais estariam: A tomada inicial da terra, sob o comando de Josué; o período dos juízes, homens e mulheres levantados por Deus para continuar na condução de seu povo; período real; os de exílios; e a fase pós-exílica. Em todos esses momentos, como já dito, encontramos indivíduos que se identificavam como servos de Deus, respondendo ao chamado desse por um “*eis-me aqui*”.

Em função do fim que se propõe este trabalho, apenas alguns representantes de cada período serão apontados, lembrando que o objetivo é identificar de onde surgiu esta designação, ou seja, servo de Deus, que representa uma nova fase na relação do homem com Deus, estabelecida após a intervenção deste ocorrida após a queda do ser humano.

Assim, começando dos momentos finais da história veterotestamentária, no viés bíblico, na fase terminal do exílio judaico, identifica-se Neemias que, em oração, clama a Deus dizendo:

Estejam, pois, atentos os teus ouvidos, e os teus olhos, abertos, para acudires à oração do teu servo, que hoje faço à tua presença, dia e noite, pelos filhos de Israel, teus servos ...”(Neemias 1:6). (Grifo nosso).

Outro exemplo é encontrado na história relatada no Livro de Daniel, no capítulo três, quando Sadraque, Mesaque e Abede-nego estão diante de Nabucodonozor, na iminência de serem lançados na fornalha ardente, e respondem ao Rei o seguinte: “... *Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará (...) não serviremos aos seus deuses ...*”(Grifo nosso).

Esse padrão também é encontrado no Livro de Isaías, no período em que governaram Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias (Isaías 1:1), quando fica registrado o seu chamamento, e se registra que: *A quem enviarei? (...) eis-me aqui*. (Isaías. 6:8 – Grifo nosso), típica expressão do servo frente ao seu senhor.

No período áureo da monarquia hebréia, assim se posicionava Davi: *Também falaste a respeito da casa de teu servo para tempos distantes*. (2ª Samuel 7:19) (Grifo nosso).

Um acontecimento marcante na história bíblica foi a convocação de Samuel, no final do período dos juízes, em que Eli diz para Samuel: *Fala, Senhor, porque o teu servo ouve*. (1ª Samuel 3:9) (Grifo nosso).

Josué, líder na condução do povo na tomada da Terra prometida, assim se identifica, ao deparar-se com o Príncipe do Senhor: *Que diz o meu senhor a seu servo?* (Josué 5:14) (Grifo nosso).

Moisés também foi identificado como servo do senhor: *Moisés, servo do senhor(...)* *Moisés, meu servo, é morto.* (Josué 1:1-2). Isso fica efetivamente claro na convocação de Moisés ocorrida no Monte Horebe, na ocasião em que a sarça ardia, em que se registrou que Moisés, ao responder ao senhor, disse: *Eis-me aqui*, frase, como já vista, utilizada por aqueles que se encontravam na condição de servo.

Avançando ainda mais nessa busca regressiva, vemos que Jacó se identificava como servo do senhor, senão vejamos: *Tens usado para com teu servo.* (Gênesis 32:10).

Abraão, o grande patriarca, em vários momentos se coloca na posição de servo, senão vejamos: *Eis-me aqui.* (Gênesis 22:1); *não passes de teu servo.* (Gênesis 18:3); *Abraão prostrou-se, rosto em terra.* (Gênesis 17:3); *invocou o nome do Senhor.* (Gênesis 12:8).

A análise feita, através de percurso regressivo pela história do povo de Israel, não nos permite identificar um marco de onde teria surgido a posição do ser humano no que tange a servidão frente a Deus, o que impõe uma busca ainda mais recuada, em período anterior a Gênesis 12, ou seja, na pré-história bíblica³¹, quando se chega aos primórdios da humanidade.

A Bíblia relata que o homem e a mulher pecaram, e como consequência, Deus os expulsou do Jardim do Éden. Após a queda e a intervenção de Deus, identifica-se a apresentação de sacrifícios, como demonstração de tentativa de aproximação do ser humano ao Criador; assim, vemos Cain e seu irmão Abel apresentando seus sacrifícios, respectivamente, “do fruto da terra” (Gênesis 4:3) e “das primícias do seu rebanho e da gordura deste” (Gênesis 4:4). Porém, não se identifica a postura de servos ou escravos, como acima delineada, mas, sim, de pessoas que de alguma forma, talvez imitando a atuação primeva de Deus, tentavam aderir-se novamente à vontade de Deus expressa em seu protoevangelho.

No entanto, conquanto tenha havido essas iniciativas de aproximação a Deus por parte de Abel e Cain, a tendência natural foi o afastamento, o imperar do pecado, da maldade, da inclinação natural: Ocorrem homicídio, bigamia, e toda sorte de crueldade, até que nasce Enos, quando é relatado que *daí começou a se invocar o nome do senhor.* (Gênesis 4:26)

O que significaria invocar o nome do Senhor? Qual a importância desse fato para a história da humanidade? Porque Enos começou a invocar o senhor? É o que se busca responder, senão vejamos:

O termo hebraico *קרא* significa clamar, invocar, convocar, apelar³². Os comentaristas³³, ao analisar o termo *invocar*, apontam, em regra, para o início de uma

³¹Ibáñez Arana, Andrés. Para compreender o livro de gênesis [Tradução Pedro Lima Vasconcellos]. São Paulo: Paulinas, 2003, pág. 18.

³²Dicionário hebraico – português & aramaico – português. Elaborado por Nelson Kirstet al. 8ª ed. Vozes: Petrópolis, RJ. 1997 – Pág. 217.

adoração societária, ou seja, afirmam que com Enos iniciou-se o culto público a Deus; teria sido aqui a gênese da oração pública, da adoração espiritual, da adoração formal, que avançaria na história, pelo povo de Israel, até o grande advento de Cristo.

A despeito da posição citada, outra significação pode ser inferida do termo invocar. O autor Matthew Henry³⁴ afirma que o nome Enos seria o nome comum a todos os seres humanos, evidenciando sua fraqueza, fragilidade, e a aflição de sua condição; a percepção disso, diz o referido autor, fez o ser humanomais consciente de que, por mais estabelecido e seguro que se sinta, deve se lembrar de que é um ser frágil.

Nesse concepção, viu-se que o ser humano pecou e, em decorrência disso, destituído ficou da glória de Deus; aquele que fora criado como *criatura livre*, tornou-se *deus-escravo*, servo do domínio do mal, com inclinação efetivamente direcionada para a morte. Essa condição de afastamento de Deus fica evidenciada com a retirada de Cain da presença do Senhor, como registrado em Gênesis 4:16, indo habitar na terra de נֹד (Node)³⁵, cuja origem apontar para um vaguear sem pátria e sem destino, um errante à parte da presença de Deus³⁶.

Enos observa esse quadro; não só observa como também vive a crua realidade do afastamento de Deus e da escravidão que a nova ordem impõe à sociedade que o cerca. Ao ver isso, ele, contrapondo a sua realidade espiritual com o plano estabelecido por Deus, resolve invocar o nome do Senhor.

A partir da visão de fragilidade estabelecida por Matthew Henry, poder-se-ia afirmar que invocar o nome do senhor é dizer o seguinte: Eu prefiro ser servo do senhor a ser escravo do pecado; se eu tiver que servir a alguém, eu prefiro servir como escravo a Deus. Com a atitude de Enos, então, não se teria estabelecido apenas uma nova ordem de adoração, mas, também, instituiu-se uma nova posição espiritual do ser humano frente a Deus: Os servos de Deus³⁷.

Importante observar que a posição de servidão não partiu de uma fase específica do plano de reestruturação que Deus estabeleceu para o ser humano; no entanto, frente à posição de Enos, que se volta para o Criador em verdadeira atitude de humildade e submissão, Deus assente com essa atitude, e passa a aceitar a adoração do ser humano enquanto servos que querem se submeter integralmente à sua vontade e ao seu plano de salvação, pré-anunciado em Gênesis 3:15.

³³ O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais – A Palavra de Deus ao alcance de todos. Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House. Editora Central Gospel. Rio de Janeiro: 2010 – Pág. 23; Champlin, Russell Norman. O Antigo testamento comentado, versículo por versículo. Vol I. Gênesis, Êxodo, Levítico, Números. Hagnos: São Paulo. 2001– pág. 49/50.

³⁴ Henry, Matthew. Comentário Bíblico. Antigo Testamento, Gênesis a Deuteronomio – Edição completa. CPAD: Rio de Janeiro. 2010 -pág42.

³⁵ Dicionário hebraico – português & aramaico - português. Elaborado por Nelson Kirstet al. 8ª ed. Vozes: Petrópolis, RJ. 1997 – Pág. 152.

³⁶ O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais – A Palavra de Deus ao alcance de todos. Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House. Editora Central Gospel. Rio de Janeiro: 2010 – Pág. 72.

³⁷ Calvin, John. A commentary on genesis. Translated and edited by John King, M.A. Two volumes in One. First published in Latin, 1554, first English translation, 1578, this edition reprinted from the Calvin Translation Society edition of 1847. London – 1965, págs. 223-224.

O Apóstolo Paulo, em Romanos 10:11-13, afirma que todo aquele que crê em Cristo não será confundido, pois Deus é rico para com todos os que o invocam, porque “ todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”. O termo ἐπικαλέσεται (ἐπικάω) significa chamar, apelar a, invocar, adorar³⁸, sendo o mesmo vocábulo usado na Septuaginta para expressar a atitude de Enos. A confissão externa e o clamor pelo auxílio do Senhor seria a condição para essa salvação.³⁹

A partir da leitura de Paulo e do diálogo que Cristo manteve com a mulher samaritana (João 4: 22-25), poder-se-ia inferir que a salvação é o fim dos verdadeiros adoradores, daqueles que, em espírito e em verdade, invocam a Deus, submetendo-se ao Seu plano de reestruturação, o que foi iniciado com Enos ao escolher, de forma livre e voluntária, a submissão à vontade do Criador como servo.

Ter-se-ia, assim, após a primeira e segunda fases, respectivamente, “criatura-livre” e “deus-escravo”, o início da terceira fase da condição espiritual do ser humano frente a Deus: A condição espiritual de *servos do Senhor*.

O ser humano, criatura livre, tornou-se deus-escravo; a partir de Enos, com o cunho de aproximar-se e aderir-se ao plano de salvação do Senhor, coloca-se na posição de escravo ou servo, o que assentiu Deus, embora não se identifique uma ordem clara dele no que tange a essa nova condição espiritual.

Assim, ser servo é submeter-se irremediavelmente e sem restrições ao plano estabelecido por Deus para a salvação da humanidade, preferindo ser escravo de Deus a escravo do pecado. A análise dessa estrutura permite concluir que tornar-se servo não teria partido de uma vontade expressa de Deus, no que tange ao plano que teria traçado para o homem após a queda, mas, pelas circunstâncias afetas ao ser humano, teria ele assentido com essa posição.

Há de se observar que Deus, a partir dessa postura do homem, passa a usá-la com o fim de, através da história da humanidade, levar seu plano de salvação à frente até que fosse plenamente cumprido. Logo, a partir do evento ocorrido com Enos, vemos toda uma ordem de servos que atuaram, sob o senhorio de Deus, no plano desse para a salvação do mundo, com o que podemos entender a posição, atuação e disposição de homens como Noé, Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Josué, Eli, Samuel, Davi, os profetas como Elias, Daniel, etc.

Deus, assentindo na posição tomada pelo Homem, foi, passo a passo, revelando seu plano de salvação, apontando para um cumprimento efetivo e pleno no futuro, em momento específico que só Deus conhecia. Isso se encaixa perfeitamente na posição de servo, pois esse não sabe o que faz o seu senhor, apenas confia e obedece.

Jesus, ao ensinar seus discípulos, aponta para a atuação específica de servo, ao afirmar que *o servo não sabe o que faz o seu senhor*. (João 15:15); o servo do Senhor confia e

³⁸ Taylor, William Carey. Dicionário do novo testamento grego. 9 ed. Juerp. Rio de Janeiro. 1991 - Pág. 83.

³⁹ O novo comentário bíblico NT, com recursos adicionais – A Palavra de Deus ao alcance de todos. Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House. Editora Central Gospel. Rio de Janeiro: 2010 –Pág. 390.

obedece, acolhendo com fé as promessas de Deus, embora não tenha vislumbrado, em sua maioria, a concretização do plano de salvação.

O escritor aos hebreus, quanto a esse aspecto, após nominar os heróis da fé, todos verdadeiros servos de Deus, escreveu que:

Ora todos estes que obtiveram bom testemunho por sua fé não obtiveram, contudo, a concretização da promessa, por haver Deus provido coisa superior a nosso respeito, para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados. (Hebreus 11:39-40).

Não podemos olvidar que essa servidão diferenciava-se da escravidão ordinária, pois nessa o homem é considerado coisa, e a sua atuação, por mais que beneficiasse seu senhor, não era computada para nada, e não era garantia de qualquer melhora da sua condição pessoal enquanto escravo. Já na servidão a Deus, quanto mais o indivíduo servia, mais se aproximava de Deus, e do gozo antecipado das benesses advindas da promessa estampada em Gênesis 3 (três), embora, muitas vezes, como visto, não pudesse perceber, de forma clara, tal situação.

O fato é que foi através dessa nova condição espiritual, ou seja, *a servidão a Deus*, que o Senhor levou a frente seu plano de salvação até o seu cumprimento final como veremos a seguir.

FILHOS DE DEUS

Deus criou o ser humano bom, puro, imaculado, plenamente envolvido em glória, com vida plena e livre gozada na presença do próprio Criador. Homem e mulher, a despeito disso, pecaram e, em consequência, destituídos ficaram da Glória Divina, sendo condenados a uma inclinação contínua para a morte física e espiritual, pois ao invés de se tornar semelhante a Deus, objetivo fim buscado no ato de pecar, o ser humano se tornou um “deus-escravo” do pecado, cujo salário não seria a deidade, mas, sim, a morte.

Gênesis 3:15 mostra que o Criador, por um motivo afeto a ele, resolve reestruturar a vida plena do ser humano, em ato que ficou conhecido como o *protevangelium*, o primeiro vislumbre das boas novas⁴⁰. A partir da atuação de Enos, instituiu-se uma nova ordem espiritual, ou seja, os servos do Senhor; com o assentimento de Deus, homens, agora sob a nova condição de servidão, levaram, através da história da humanidade, o plano de Salvação à frente.

Avançando na História do plano dessa salvação, há de se ver que, em dado momento, nominado pelo apóstolo Paulo em Gálatas 4:4 como *τοπλήρωμα τοῦ χρόνου* (a Plenitude do tempo), Deus, em cumprimento do que foi prometido em Gênesis 3:15, envia seu filho ao mundo, para que, com legitimação de ser humano, pudesse, através de um processo estabelecido pelo Criador, possibilitar, de uma vez por todas, que o ser humano voltasse à sua

⁴⁰Kidner, Derek. Gênesis- introdução e comentário. Mundo Cristão: São Paulo, 1991 – Pág. 66.

condição primeira, antes do pecar, em que era imaculado, puro, perfeito, efetivamente imerso na Glória de Deus.

Assim, através de um processo milagroso, o Espírito Santo, vindo sobre Maria, a agracia, e a mesma concebe aquele que viria a ser chamado עִמָּנוּאֵל (“Immanuel”, Emanuel), ou seja, Deus conosco, o próprio Cristo, o Messias, o Salvador, o descendente de mulher que pisaria na cabeça da serpente.

É interessante notar que, a concepção sobrenatural de Cristo, o uniu à raça humana, dando-lhe legitimidade para atuar; mas, ao mesmo tempo, o manteve distante da condição espiritual do ser humano, pelo menos no que tange ao aspecto pecado, pois como registra a Bíblia Cristo era o novo Adão (Romanos 5:12-21), imaculado, instituído em glória, e, portanto, detentor de vida plena (João 1:4).

Desde a mais tenra idade Cristo mostrou para o que veio, como ficou claro quando, aos doze anos, no templo, discutia com maestria com os doutores do Lei; bem como ao afirmar que a ele cabia *estar na casa do meu (seu) pai*. (Lucas 2:41-52)

Cristo assim, através de sua atuação terrena anuncia de forma plena o evangelho que havia sido preanunciado em Gênesis 3: 15; Cristo não só anunciava as boas-novas, a boa notícia, como era, ele mesmo, o conteúdo dessa nova ordem, pois seria através dele que o plano de reestruturação chegaria ao seu ponto culminante.

Há de se observar que, durante seu ministério, Cristo já demonstrava que algo diferente, que implicaria em algo novo na ordem espiritual da humanidade, haveria de acontecer; Jesus se nominava Filho de Deus, detentor de vida plena, e capaz de conceder essa vida plena a quem cresse que ele era o Messias que havia de vir.

João registra isso em diversas passagens do seu evangelho, quando Cristo vai, aos poucos, revelando ou descortinando como se cumpriria o plano de salvação, e quais as consequências desse sobre a vida dos servos do Senhor, senão vejamos:

E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim, importa que o Filho do homem seja Levantado, para que todo o que nele crê tenha vida eterna. Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna (João 3:14-16), o que aponta para o redirecionamento da morte, natural ao pecador, para a vida eterna daqueles que, pela fé, creem no plano de salvação⁴¹.

Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (...) o escravo não fica sempre na casa; o filho, sim, para sempre. Se, pois, o filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres (João 8: 31-32, 35-36), o que aponta para uma libertação efetiva e definitiva da escravidão do pecado.

⁴¹Ver também: João 3:36;6:40, 47-51; 11: 25-26.

*Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu pai vos tenho dado a conhecer (João15:13-15), o que aponta para uma morte substitutiva e para a modificação da condição espiritual de servos para amigo.*⁴²

Assim, Cristo anuncia sua morte e morte de Cruz; o fato é relatado nos quatro evangelhos, cada um sob uma ótica e com um destinatário, mas, todos apontando para o cumprimento daquilo que havia sido determinado na eternidade, e iniciado quando Deus disse que o descendente da mulher esmagaria a cabeça da serpente.

Cristo morre, mas ao terceiro dia ressuscita; comunica-se por vários dias com seus discípulos; reitera promessa da vinda de Espírito Santo; e, ao fim, é assunto aos céus.

O fato é: O que a morte de Cristo significou para a condição espiritual do Homem? Em que o seu ato possibilitou para o homem no que tange à reestruturação desse em relação ao pecado? O que mudaria?

A Bíblia nos informa que Cristo, ao morrer e ressuscitar, vencendo a morte, outorgou ao ser humano a possibilidade de se tornar τέκναθεοῦ (Filho de Deus), igualando-se a Cristo por adoção, pois a todos quantos creram, deu-lhes o ἐξουσίαν (Poder) de se tornarem filhos.

O Apóstolo João registra isso de forma maestrina em seu evangelho, senão vejamos:

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens (...) veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; aos quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. (João1: 1-4, 11-13).

G. Braumann⁴³, ao analisar o vocábulo *téknon*, afirma que os escritores bíblicos falam dos filhos de Deus como aqueles que creem, os filhos da fé de Abraão, para os quais a promessa é válida, não se tratando de uma relação natural, mas uma aceitação legal pela adoção dos crentes como filhos e herdeiros da promessa.

O referido autor diz, ainda, que o Apóstolo João emprega *hyios* (“filho) para nominar especificamente Jesus Cristo na sua relação com o Pai como o Filho Unigênito de Deus (João 3:16; 20:31); no entanto, usa *tekná* para o ser humano que recebe Cristo como seu salvador, tornando-se filho de Deus por adoção, quando, então, Cristo passa a ser o primogênito de muitos.

⁴² Ver também: João 11: 49-52.

⁴³ Braumann, G. *τέκνον*. In: Brown, Colin. (ed.) Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. (2 volumes) v. I. São Paulo: Vida Nova, 2000. P. 470-471.

Há de se observar, ainda, que o Apóstolo João usa o termo ἐξουσία(Poder), termo que aponta para um poder de escolha, uma liberdade de fazer como lhe agrada, força pessoal, seja física, seja mental, domínio, autoridade,⁴⁴ apontando para um restabelecimento do domínio outorgado ao ser humano quando da sua criação, como se lê em Gênesis 1: 26, 27, cuja abrangência do termo דָּדָד, não se limitaria ao domínio sobre os demais seres criados, mas a um domínio sobre si mesmo, como criatura livre, capaz de escolher entre o bem e o mal; a isso o Apóstolo Paulo chamaria de ἐγκράτεια(Domínio próprio), em Gálatas 5:22.

O Apóstolo Paulo, ao enviar sua missiva para à igreja de Roma, afirmou, entre outras coisas, que:

Não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. (Romanos8: 16-16).

Outrossim, o Apóstolo dos gentios, ao enviar sua carta aos crentes de Gálatas, os ensina que:

Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido da mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai! De sorte que já não és escravo, porém filho. (Gálatas4: 3-6).

A partir desse momento, o Cristo, que era apenas o unigênito Filho de Deus, passa a ser o filho primogênito, pois todos que cressem nele e aderissem ao plano de salvação estabelecido por Deus, tornar-se-iam, efetivamente, filhos, alterando sua condição espiritual de servos para filhos (Romanos8:29-30).

Não podemos olvidar que a condição de servo não partiu de um plano direto de Deus, mas esse assentiu com a ideia por não fugir do propósito que tinha em mente; mas, agora era diferente, pois tornar-se filho estava no plano de salvação do homem, pois através disso, o Deus reorientaria, de uma vez por todas, a vida do Homem, e esse voltaria a direcionar-se para a glória de Deus, onde há vida plena, agora, não como servo, mas, sim, como filho.

Ser filho, nesse contexto, é algo efetivamente especial e diferente, pois o homem, ao invés de estar condenado à morte, como salário natural do pecado, gozaria de uma herança esplêndida que é a vida eterna.

O Apóstolo Paulo afirma que *nenhuma condenação há para os que estão em Cristo*(Romanos 8:1),pois está em Cristo é uma condição espiritual que impõe necessariamente o gozo da vida eterna, pois Cristo é Vida, a Vida está nele, e, portanto, os que estão em Cristo gozam do privilégio de estarem novamente imerso na Glória de Deus, onde há vida plena, perfeita, imaculada, santa.

⁴⁴ Taylor, William Carey. Dicionário do novo testamento grego. 9ª ed.— Rio de Janeiro: Juerp, 1991, pág. 78-79.

Mas, os privilégios vão além, pois o homem, a partir do momento em que se torna filho, passa, automaticamente, a pré-gozar da herança futura já nesta vida, é o que o Apóstolo Paulo nos ensina, senão vejamos:

Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. (Romanos8:17); De sorte que não és mais escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus. (Gálatas 4:7).

Observe-se que não estamos falando em aspectos materiais, mas, sim, na antecipação da segurança de vida plena que a salvação nos proporciona, pois estamos imerso, novamente, na Glória de Deus, onde há plenitude de vida, fazendo fluir do novo homem, agora filho, rios de águas vivas. Assim, a antecipação do gozo da herança faz parte dessa nova ordem espiritual, que é outorgada aos filhos de Deus.

Há de se observar que o gozo não é pleno, mas, em parte, uma vez que restrito as limitações que o ser humano ainda sofre neste era; porém, o referido ser, agora regenerado, já experimenta, ainda que em parte, como por espelho, aquilo que gozará no seu todo na eternidade futura, quando Cristo voltar e completar de forma plena o seu plano, que já está consumado, aguardando apenas cumprimento do tempo determinado por Deus para a existência dessa era.

A escritura nos testifica que *agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido.* (I Coríntios13:12)⁴⁵

Ser filho, portanto, é agregar-se, de forma definitiva, através da fé, ao plano de salvação de Deus para homem. Isso trás consequências para àqueles que vão sendo salvos e se tornando filho de Deus. Uma já se viu que é o pré-gozo da herança que será gozada plenamente na eternidade futura.

Porém, outras responsabilidades advêm desta nova condição espiritual do ser humano. Assim, cabe, ao ser humano, enquanto filho de Deus, herdeiro e co-herdeiro com Cristo, fazer o que esse fez enquanto esteve neste encarnado neste mundo, ou seja, administrar as coisas de Deus; não como servo, que apenas cumpre ordem, sem a preocupação de zelo perfeito, por não ser dono; mas, como filho, herdeiro, administrador daquilo que é dele mesmo, que hoje tem em parte, mas um dia terá no seu todo.

Isso tem reflexo em todo o contexto em que se encontra um filho de Deus, seja em sua casa, no seu trabalho, na comunidade, na igreja, seja a onde for, o filho de Deus está sempre administrando a herança que já é dele e que ele já pré-gozar.

Por isso, que a referência muda; a regra passa a ser a do Reino dos Céus; o ser humano passa a ser diplomata de um novo reino; torna-se peregrino em um local que não se identifica com o padrão, lei, costume, e vida da nova ordem; tudo muda, todo referencial é deslocado, o ser humano deixa de ser servo e passa a ser filho.

⁴⁵ Ver também: Gálatas 4:17-18.

Isso importa em novo nascimento (João 3: 5-6); não em novo nascimento físico, mas espiritual; morre-se para esse mundo, afastando-se de sua ordem inclinada para o mal e para a morte, e volta-se para Deus, tornando-se verdadeiro adorador (João 4:22-24), nova criatura (II Coríntios 5:17), não como escravo obrigado a prostrar-se, mas, como filho, em pé, ao lado, em submissão, mas não como escravo, mas como filho que honra ao seu pai.

Ser filho, portanto, é estar no centro da vontade de Deus; vontade estabelecida antes da fundação do mundo (Efésios 3: 8-12), como alternativa para a queda do homem, em que, sob nova condição espiritual, o homem deixa de ser escravo, servo, mero mordomo, e passa a ser coadministrador das coisas divinas, pois agora é filho, como Cristo, o primogênito, e capaz de fazer coisas novas e grandes, pois administra as coisas afetas ao Reino dos Céus.

Tornar-se filho é estar destro do cumprimento do evangelho anunciado em Gênesis 3:15 e cumprido na morte, mas, principalmente, na ressurreição de Cristo, cuja atuação outorgou a todos os que creem se tornaram novas criaturas, nascidas do espírito, verdadeiro adorador, filho de Deus.

CONCLUSÃO

O estudo desenvolvido demonstra que os vocábulos analisados, ou seja, “criatura”, “servo”, e “filho de Deus”, têm significados distintos quanto ao desenvolvimento do plano de salvação, não sendo adequado o seu uso como sinônimos, o que implica imprecisão teológica e confusão na prática da fé.

Viu-se que o ser humano viveu fases distintas no que tange ao seu relacionamento com Deus, cada uma marcada por características que implicaram na utilização de vocábulos cujo, fim era descrever as características que o ser humano tinha, perdeu ou desenvolveu em cada um dos respectivos períodos.

O termo criatura, assim, quanto ao ser humano e seu relacionamento com Deus, deveria se limitar descrever duas situações: O período primevo da existência do Homem e da Mulher, quando os mesmo viviam como criaturas livres, imaculada, imersas na glória de Deus, conforme o descrito no livro de Gênesis 1 e 2, condição perdida com o pecado, conforme o relato de Gênesis 3; outrossim, descreve a situação do homem e da mulher que, ainda hoje, nega qualquer aproximação de Deus, vivendo uma condição de “deus-escravo”, decorrente da queda do ser humano frente ao pecado.

O termo servo, outrossim, descreveria a situação daqueles que, de forma voluntária, aproximaram-se de Deus, preferindo ser servos de Deus a servos do pecado. Essa condição, ou seja, “servo de Deus”, marcou sua existência durante o Velho Testamento e a primeira vinda de Cristo, em que homens e mulheres foram identificados como servos, respondendo ao chamado ou convocação de Deus com a expressão “eis-me aqui”. Vislumbra-se, ainda, a possibilidade de um segundo uso desse vocábulo hodiernamente, que seria o uso quanto aqueles que, conquanto busquem a Deus e queiram servi-lo, não aderem ao plano de salvação de Cristo.

Por fim, o termo “filho de Deus” deve ser utilizado como expressão da condição daqueles que, aderindo pela fé ao plano de salvação culminado em Cristo, tornaram-se filhos de Deus, conforme o ensino de João que, ao falar sobre a encarnação do Verbo, afirmou que *a todos quanto o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus* (João 1:14), relação que mantém intrínseca ligação com a condição de “novo nascimento” descrita por Cristo no diálogo com Nicodemos (João 3: 1-15), o que Paulo descreveu da seguinte maneira:

Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito para a vida e paz (...) Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O Próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros de Deus e coherdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados. (Romanos 8: 5, 6; 14-17). (Romanos 8).

Viu-se, outrossim, relação similar entre no que tange aos vocábulos “criatura” e “servo” e a condição de nascido da carne, uma vez que aqueles que deliberadamente afastam-se de Deus – como meras criaturas rebeldes; ou os que, mesmo que se aproximando de Deus com intenção de servi-lo - como verdadeiro de servo de Deus, mas não aderem ao plano de salvação de Cristo; igualam-se no que tange à condição espiritual de afastados de Cristo, e, assim, inclinados naturalmente para a morte (Romanos 6:23).

Logo, não há relação sinonímica entre os termos, pois cada um tem significação própria, aplicação e consequências distintas, não sendo teológica e biblicamente correta a utilização dos mesmos de forma indiscriminada pela comunidade cristã.

Várias consequências práticas advêm da correta posição espiritual do ser humano em relação a Deus, principalmente quando o homem ou mulher, aderem ao plano de salvação de Cristo, tornando-se filhos, como, por exemplo: O servo espera a ordem, o filho antecipa-se e faz; o servo ajoelha-se, filho fica em pé ao lado do Pai, etc. Análise maior demandaria uma extensão incompatível com o presente trabalho, motivo pelo qual se conclui com a principal diferença entre “criatura”, “servo”, e “filho de Deus”: O Filho é o único herdeiro, senão vejamos:

Digo, pois, que, durante o tempo em que o herdeiro é menor, em nada difere de escravo, posto que ele é senhor de tudo. Mas está sob tutores e curadores até ao tempo predeterminado pelo Pai. Assim, também nós, quando éramos menores, estávamos servilmente sujeitos aos rudimentos do mundo; vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoração de filhos. E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai! De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus. (Gálatas 4: 1-7) (Grifo nosso).

BIBLIOGRAFIA

ARANA, Andrés Ibáñez. *Para compreender o livro de gênesis* [Tradução Pedro Lima Vasconcellos]. São Paulo: Paulinas, 2003.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeda. Ver. e Atual. no Brasil. 2 ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BRAY, Gerald Lewis. *A doutrina de Deus*. Ed. Cultura Cristã: São Paulo, 2007.

BRAUMANN, G. *τεκνον*. In: Brown, Colin. (ed.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. (2 volumes) v. I. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CALVIN, John. *A commentary on genesis*. Translated and edited by John King, M.A. Two volumes in One. First published in Latin, 1554, first English translation, 1578, this edition reprinted from the Calvin Translation Society edition of 1847. London – 1965.

CHAMPLIN, Russell Norman. *O Antigo testamento comentado, versículo por versículo*. Vol I. Gênesis, Êxodo, Levítico, Números. Hagnos: São Paulo. 2001.

GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico. Antigo Testamento, Gênesis a Deuteronômio* – Edição completa. CPAD: Rio de Janeiro. 2010.

KIDNER, Derek. *Gênesis- introdução e comentário*. Mundo Cristão: São Paulo, 1991.

KIRST, Nelson. *Dicionário hebraico – português & aramaico - português*. Elaborado por Nelson Kirst et al. 8ª ed. Vozes: Petrópolis, RJ. 1997.

LANGSTON, A.B. *Esboço de teologia sistemática*. 11 ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.

MICHEL, O. *παῖς θεοῦ*. In: Brown, Colin. (ed.) *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. (2 volumes) V. II. São Paulo: Vida Nova, 2000.

PEARLMAN, Myer. *João, o Evangelho do Filho de Deus*. 1ª ed. Rio de Janeiro. CPAD, 1995.

RADMACHER, Earl; **ALLEN**, Ronald B.; **HOUSE**, H. Wayne. *O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais - A Palavra de Deus ao alcance de todos*. Editores: Earl Radmacher, Ronald B. Allen e H. Wayne House. Editora Central Gospel. Rio de Janeiro: 2010.

STOTT, John R. W. *A mensagem de Romanos*. São Paulo: ABU editora, 2007.

SUSIN, Luiz Carlos. *A criação de Deus: Deus e criação*. 2. Ed. – São Paulo: Paulinas; Valência, ESP: Siquem, 2010 – (Coleção Livros básicos de teologia; 5).

TAYLOR, William Carey. *Dicionário do novo testamento grego*. 9 ed. Juerp. Rio de Janeiro. 1991.

TURNER, Donald D. *A doutrina dos anjos e do homem* – Curso A-VI. IBR, São Paulo, 1990.

_____. *A doutrina do pecado e da salvação* – Curso A-VII. IBR: São Paulo, 1985.